

OLHOS DE AZEVICHE

dez escritoras negras que estão
renovando a literatura brasileira
contos e crônicas

**Ana Paula Lisboa | Cidinha da Silva
Conceição Evaristo | Cristiane Sobral
Esmeralda Ribeiro | Fátima Trinchão
Geni Guimarães | Lia Vieira
Miriam Alves | Taís Espírito Santo**

9ª reimpressão



Sumário

Apresentação	7
FERNANDA FELISBERTO	
Selfie: eu mulher negra escritora	
ANA PAULA LISBOA	13
Preta	15
Trutas	19
CIDINHA DA SILVA	23
Os meninos do Morro da Lagartixa	25
Sobre os que juntam vinténs na microeconomia do carnaval	29
CONCEIÇÃO EVARISTO	33
Di Lixão	35
Os amores de Kimbá	39
CRISTIANE SOBRAL	47
Das águas	49
O outro lado da moeda	53
ESMERALDA RIBEIRO	61
Guarde segredo	63
Mulheres dos espelhos	71
FÁTIMA TRINCHÃO	77
Lembranças	79
Arlinda	85
GENI GUIMARÃES	95
Primeiras lembranças	97
Metamorfose	105

LIA VIEIRA	113
A paixão e o vento	115
Os limites do moinho	119
MIRIAM ALVES	131
Os olhos verdes de Esmeralda	133
Alice está morta	139
TAÍS ESPÍRITO SANTO	143
A Pretinha e o Pretinho	145
Quando parei de mandar beijos	147
Posfácio:	151
Olhos de azeviche	

Selfie: eu mulher negra escritora

Fernanda Felisberto¹

Sempre tento entender o porquê, de uma literatura nacional ter orgulho de ser uma literatura para poucos, quase uma sociedade secreta, deixando de fora a pluralidade de vozes e da diversidade cultural que compõe o mosaico brasileiro. É bem verdade que um dos motivos é manutenção das “castas brasileiras”, onde poder econômico e habilidade literária se fundem, formando o “brinquedo” literatura brasileira, que já sai do forno como “clássico”, como bem sinalizou Flávio Khote em sua trilogia sobre o Cânone Literário Brasileiro.

Mas a insurgência de homens e mulheres negras frente a todas as adversidades que foram impostas, também se dá no campo literário, e rasurando os padrões estéticos, linguísticos e semânticos autorizados, pela elite letrada, que um conjunto de escritoras e escritores negros vêm, desde o século , XVIII, criando espaços e construindo frestas, na tentativa de deixar sua experiência autoral registrada, em uma sociedade arrumada e estruturada na letra presa no papel, hierarquizando toda as outras manifestações culturais que possuem o binômio oralidade/memória como meio de difusão.

A literatura negro-brasileira hoje é um campo, que vem fortalecendo cada dia mais a cadeia autoria, editora e público leitor, e ganhando cada dia mais espaço dentro da academia e das escolas

¹ Profa. Fernanda Felisberto é doutora em Literatura Comparada pela UERJ, e professora do Departamento de Letras do Instituto Multidisciplinar, campus Nova Iguaçu, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

brasileiras, fruto de uma identidade dupla, quase indissociável, que é o lugar da autoria e ativismo, caminhando de forma coordenada, seja para pautar temas comuns a experiência negra no Brasil, assim como recuperar autoras e autores, que foram sistematicamente, rasurados ou embranquecidos, e este compromisso de (re)elaborar outras representações se intensifica, quando pensamos no lugar ocupado pelas mulheres negras na prosa brasileira.

Por muito tempo quando refletia sobre mulheres negras e espaço literário, o que emergia eram puros objetos análise, presente nos romances nacionais, tais como Esméria e Lucinda (Vítimas Algozes), Bertoleza e Rita Baiana (O Cortiço) Tia Anastácia nas obras de Monteiro Lobato, as várias mulheres de Jorge Amado, entre outras. Os corpos destas mulheres não eram seus, serviram a outros, todas tratadas como objetos, nenhum sujeito, nenhum afeto, nenhuma maternidade, nenhuma família, espelhando a pouca diversidade no cânone literário brasileiro e sua ideologia mofada, de um conjunto de autores brancos, heterossexuais, católicos e que tinham a região sudeste, como ponto de partida, e muita das vezes como destino de seus imaginários.

Resignificar narrativas anti-sexistas, antidiscriminatórias está diretamente relacionado ao fazer literário de mulheres negras, que desde o século XVIII vêm de maneira insurgente construindo mecanismos de eliminar as(os) mediadoras(es) de sua vozes, que insistem em continuas formas de representações equivocadas, que não foram construídas pelas próprias escritoras negras, mas se cristalizou no imaginário nacional como uma verdade totalizadora e inquestionável, que é lugar dado à subserviência, a uma trajetória de vida pouco interessante, “seu modo de dizer não serve, sua experiência tampouco tem algum valor” (DALGASTAGNE, 2002), diante de um quadro deste como pensar em ser escritora negra?

Certa vez bell hooks, feminista negra, estadunidense, problematizou o lugar da intelectualidade feminina negra, e que neste caso chamo atenção para As escritoras negras, numa sociedade arrumada e projetada para as questões materiais, como assimilar que seu fazer ativista, refletido na sua escrita também é mais uma forma de enfrentamento ao racismo.

As possibilidades de respostas são inúmeras, entre elas devolver a humanidade a todos nós negros e negras, começando por nossos corpos, como bem sinalizou Conceição Evaristo:

as escritoras negras buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de autorrepresentação. Criam, então, uma literatura em que o corpo-mulher-negra deixa de ser o corpo do “outro” como objeto a ser descrito, para se impor como sujeito-mulher-negra que se descreve, a partir de uma subjetividade própria experimentada como mulher negra na sociedade brasileira. (EVARISTO, 2005, p. 54)

Assim como nos devolver representações de afeto, solidariedade, enfrentamento às imposições sexistas e racistas do cotidiano, pelo direito a vida, revelando alegrias e dramas das mulheres negras, que o cânone literário brasileiro, desconhece e ignora, cabendo as mulheres negras escritoras esta incumbência.

Esta autoria feminina negra, desloca bruscamente, e a intenção é esta mesma, o desconfortável lugar de objeto, para um empoderado lugar de protagonismo, tanto na representação de suas personagens, assim como, na afirmação de um lugar de produtoras de conhecimento, construindo a partir do combate a discriminação interseccional, que recobre mulheres negras no Brasil e na diáspora africana, uma sociedade mais plural, transpondo inclusive a utilização desta língua, que diariamente é moldada a incorporar, usos e sentidos, de matriz